

**TRANSFORMAÇÃO LOBATIANA – TENSÃO E CRIAÇÃO DE
MONTEIRO LOBATO NAS ADAPTAÇÕES DE CLÁSSICOS
ESTRANGEIROS**

Sílvia de Oliveira ESPADA
(Orientadora): Profa. Dra. Carmen Zink Bolognini

Resumo: Este artigo é reflexo do projeto de iniciação científica orientado pelo professor Dr. Paulo Roberto Ottoni (*in memoriam*), financiado pela FAPESP e intitulado por “Acontecimento, transformação e *sobrevida* nas adaptações de clássicos literários estrangeiros de Monteiro Lobato”. Neste, investiguei as estratégias de Monteiro Lobato ao lidar com a turbulência constitutiva de seu papel de tradutor/adaptador dos clássicos literários estrangeiros e que resultaram nas obras: *Aventuras de Hans Staden*, *Peter Pan* e *D. Quixote das crianças*. Estes acontecimentos lobatianos – oriundos da fratura do signo e assentados em bases intertextuais – são resultado de um trabalho estratégico de transformação, e estão orientados pela multiplicidade e não pela unicidade ilusória do signo, o que reorganiza as noções de fidelidade e de *sobrevida* das obras envolvidas.

Palavras iniciais

As obras *Aventuras de Hans Staden*, *Peter Pan* e *D. Quixote das crianças* de Monteiro Lobato, conhecidas por narrativas em encaixe, possuem uma complexidade estrutural que basicamente pode ser identificada pela tensão-matriz adaptação/processo de criação. Por isso, e orientada pelo pensamento de Derrida sobre tradução, denominei-as por transformação lobatiana. Nela, deparamo-nos com um elemento sob o qual Lobato parece ter ilusoriamente suportado seu *double bind*: a fratura do signo.

A transformação lobatiana, desde o princípio contaminada pelas questões da tradução/adaptação, é encenada estrategicamente por meio de um processo de criação composto por cenários e personagens capazes de contribuir para Lobato suportar a tensão de seu duplo papel. Nesse acontecimento, observamos um movimento entre as regularidades e as singularidades, (des)construindo uma malha de significados explorada por Lobato de modo a apontar a eterna existência de um *resto a traduzir*.

Vale ressaltar que os pensamentos comprometidos com uma visão conservadora sobre a tradução/adaptação esperam que se alcance um ideal lingüístico, fiel à obra original. Em contrapartida, o que temos salientado é que um pensamento não materialista do signo, como a desconstrução, reorganiza as discussões das práticas tradutórias não mais em torno da fidelidade, mas sim da multiplicidade de línguas e das questões do intraduzível inerente a elas, em direção à *sobrevida* das obras envolvidas,

como tentaremos demonstrar por meio da pequena seleção feita para este artigo.

Entre as bordas da transformação

Seguindo, pois, no caminho das regularidades da transformação lobatiana, é preciso destacar: 1) a existência de uma estrutura básica permite enquadrar as narrativas em encaixe como transformações lobatianas e 2) sobre o signo, que a repetição é imprescindível para se obter o reconhecimento – e nas obras em questão isso pode ser dito em vários níveis – quer no estilístico ao se assemelhar à forma de contar de Sherazade, porém com uma estrutura textual personalizada – quer no lingüístico propriamente dito, como em alguns termos estrangeiros ou técnicos que Lobato faz questão de deixar na obra para Dona Benta explicar de maneira contextualizada.

As transformações lobatianas possuem como características-matrizes:

1) a presença de uma obra já consagrada em qualquer tempo histórico, que será recontada.

2) a presença de um cenário estratégico no qual uma multiplicidade de vozes, para além das questões tradicionais de fidelidade, constroem um sentido – que faça sentido – não só para a obra original, mas também priorizando a coerência interna da transformação.

3) a ocorrência de uma história paralela, que diz respeito aos moradores do Sítio do Pica Pau Amarelo, e que nas obras de D. Quixote e de Peter Pan é mais acentuada, pois o caráter aventureiro e o mágico respectivamente são mais ressaltados, ganhando total envolvimento de Emília, enquanto que na obra Hans Staden é o caráter histórico, o que exige mais explicações e ganha mais a atenção das crianças maiores da história, Narizinho e Pedrinho.

4) o incentivo à “leitura” crítica e contextualizada da obra, tal como é feita por Dona Benta ao ser constantemente questionada por seus ouvintes. E mesmo com o questionamento do que pode parecer óbvio, muito se tem a descobrir.

5) a exploração metalingüística em vários níveis: vocabular, estilístico e por meio da citação de poemas, de ditos populares e de autores como Machado de Assis.

6) mínima intervenção explícita de Lobato.

7) papel de transformador integralmente repassado para Dona Benta, com alguns adendos de Lobato na obra de caráter mais histórico, Hans Staden, por meio de notas de rodapé.

8) reconhecimento da alteridade da obra narrada, seguido de dúvidas e explicações para que, por fim, a história seja apropriada por cada ouvinte a seu modo. Emília, às vezes, até imita os personagens das narrativas. Em outras palavras, minimização do estranhamento da obra original.

9) finais que encerram apenas parcialmente a narrativa, pois na história no Sítio ela permanece de algum modo, isto é, estende seu efeito, quer de tristeza (como Emília e sua não aceitação da morte do ilustre cavaleiro da Mancha), quer de reflexão (como Emília em Peter Pan), ou ainda, de ausência de maturidade, (como Emília e seu *bocejo de urutau* no fim da história de Hans Staden).

Peter pan e o intraduzível

Nursery não é um vocábulo passível de total naturalização, e por isso, no contexto da transformação lobatiana, ele transborda de sua origem para figurar no Sítio do Pica Pau Amarelo. Na obra original, este termo parece ser quase um cenário-base, concentrado, sobretudo, nos capítulos iniciais.

Acredito que Dona Benta faça questão do estranhamento com este vocábulo, afinal, já sabia do caráter arguto de seus ouvintes, por isso, não hesita em dizer: “*Esses meninos ocupavam a mesma nursery numa linda casa de Londres*”. Após a indagação de Pedrinho, a vovó faz questão de lhe explicar o que é *nursery*, ressaltando que não é apenas quarto de criança, ou quarto de dormir, o que poderiam ser possibilidades de tradução, mas que ele é fundamentalmente diferente de um quarto de criança aqui no Brasil, pois possui pinturas, brinquedos e bonitos adornos.

É interessante mostrar que nesta transformação lobatiana, algumas vezes Dona Benta fala em quarto ao invés de *nursery*, que é o único termo que aparece na obra original. Certamente a vovó faz isso por não temer que seus netos reduzam o vocábulo inglês, posto que já havia lhes explicado a rede de significações que envolvem este termo, além de indicar a existência de um resto a traduzir. Entretanto, há apropriação do termo *nursery* pelos ouvintes, colocado no gênero feminino e admitindo plural, como nesta fala de Emília: – *Todas as nurserys devem ter uma bisnaga de Cola-tudo para os brinquedos. Eu, se fosse a Senhora Darling...* (*Peter Pan*. 1930: 12). Nota-se, assim, que a intraduzibilidade deste vocábulo resultou na apropriação do significado dos ouvintes, deflagrando a multiplicidade de línguas da obra lobatiana.

Hans Staden entre línguas

Como a multiplicidade de língua é constitutiva da obra de Lobato, há um trecho bastante ilustrativo em que Dona Benta faz questão de reproduzir o original, e depois, Lobato lhe concede, estrategicamente, a autoridade de traduzi-lo, afinal, esta imagem senil criada para uma contadora de história o ajudaria a suportar seu próprio *double bind*.

“Ao pé dessa cruz havia um fundo de barril com a seguinte inscrição: “Se viesse por ventura aqui la armada de su majestad, tirem um tiro que haran recado”, o que quer dizer: Se por acaso aqui vierem os

navios de sua majestade, que dêem um tiro que terão resposta”
(*Aventuras de Hans Staden*. 1968: 152).

No original, esse mesmo trecho está como segue abaixo:

„Es war in spanischer Sprache eingeschnitten: „Si viene por ventura aquí la armada de su Majestad, tiren un tiro, ahí habrán recado“.

Das heißt auf deutsch: „Wenn Schiffe Seiner Majestät zufällig hierher kommen, so sollen sie einen Schuß abgeben und werden hier weiteren Bescheid erhalten“ (*Warhaftige Historia und Beschreibung eyner Landschafft der wilden, nacketen, grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen*. 1964: 47).

Dona Benta imita o gesto de tradução do próprio Hans Staden, fazendo, o que podemos chamar por tradução literal. Ademais, é válido sublinhar que no entre línguas desta obra, há o prevalecimento do significado, mesmo existindo casos como este, em que Lobato suportadou seu *double bind* com outra estratégia.

D. Quixote imortal

Para finalizar, cito os versos que entoam a morte do cavaleiro da Mancha:

“Fechou os olhos e morreu.

A choradeira foi imensa. Nunca se derramaram tantas lágrimas naquela aldeia. O bacharel Carrasco compôs os seguintes versos para seu túmulo:

*Aqui jaz o fidalgo raro
Que a tanto extremo chegou
De valente, que o preclaro
Seu nome eterno ficou”
(D. Quixote das crianças, 1968: 222)*

Observando o trecho abaixo, do original, vemos que Lobato optou por não colocar todo o verso. Entretanto, o resumiu de modo bastante eficaz – deflagrando a fratura do signo ao priorizar o significado em detrimento do significante – acrescentando e ressaltando uma importante característica de D. Quixote: sua eternidade. Posteriormente, isso será apropriado por Emília, reforçando a coerência interna da obra ao ilustrar que a síntese dos versos, com esta característica, não foi aleatória.

*Yace aquí el hidalgo fuerte
Que a tanto extremo llegó
De valiente, que se advierte*

*Que la muerte no triunfó
De su vida con su muerte.
Tuvo a todo el mundo en poço,
Fue el espantajo y el coco
Del mundo, en tal coyuntura,
Que acredito su ventura
Morir cuerdo y vivir loco.*

A apropriação de Emília se deu de modo tão intenso, que ela se recusou a acreditar na morte de D. Quixote. O esforço de Lobato em fazer *um apanhado* parecia ter surtido o efeito do encantamento. De qualquer modo, não podemos deixar de aludir para o fato de D. Quixote não poder morrer, pois já estava dentro de cada ouvinte, o que demonstra a ambigüidade da fala de Emília e justifica o fato de Dona Benta ficar pensativa: por que D. Quixote seria imortal? *Sobrevida!* É como se Emília não mais fosse esquecer daquele encontro; como se ela anunciasse que gostaria de revê-lo. D. Quixote, imortal. E não é que, à moda dela, a bonequinha tinha razão?

“Por várias vezes Narizinho tentou contar a Emília a morte do cavaleiro da Mancha. Emília tapava os ouvidos.

– Morreu, nada! – dizia ela. – Como morreu, se D. Quixote é imortal?

Dona Benta ouvia aquilo e ficava pensativa...” (*D. Quixote das crianças*, 1968: 224).

Palavras finais

Na transformação lobatiana, esforcei-me em mostrar que, como se trata de um apanhado, não podemos pensar em fidelidade como os teóricos tradicionais da tradução, mas sim pela fidelidade vinculada a um sentido maior, encontrado na fratura do signo, sem pertencer estritamente ao significante, e capaz de conquistar um público heterogêneo justamente por estar em transbordamento. Aquele sentido que está em constante movimento de (des)construção, e por isso, sempre tendo um resto a traduzir.

As transformações lobatianas encenam/encerram o acontecimento e seus enigmas; cenas em que se deflagram as tensões de ordem pessoal (Monteiro Lobato), de ordem lingüística (multiplicidade de línguas, termos intraduzíveis) e de ordem estratégica (Dona Benta e Emília representam bem o antagonismo conservador/inovador); a amplitude é tamanha que ainda não considero minha tarefa acabada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARROJO, R. *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes Editores. 1992.

BARRIE, James M. *Peter Pan*. Penguin Popular Classics. 1995.

- BENNINGTON, Geoffrey. DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1996.
- ESPADA, S. O. Adaptações de clássicos literários estrangeiros de Monteiro Lobato: Acontecimento, transformação e *Sobrevida*. Comunicação apresentada no SEPEG 2006 – Seminário de Estudos e Pesquisas na Graduação, no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.
- _____. Transformação: sobre morte, sobre resto e *sobrevida* ‘entre’ línguas. Pôster apresentado em no SETA 2006 – Seminário de Estudos e Teses em Andamento.
- FERREIRA, É. OTTONI, P. R. (orgs.). *Traduzir Derrida: Políticas e desconstruções*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- STADEN, Hans. *Hans Staden Wahrhaftige Historia*. Heraus gegeben und Ubertragen von Reinhard Maack and Karl Fouquet. Verlag Trautvetter & Fischer Mach. Marburg na der Lahn. 1964.
- STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Tradução brasileira na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pelo Dr. Alencar Araripe. 1892.
- LOBATO, J. B. M. *Aventuras de Hans Staden*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968. Obras completas, 2ª série, volume 3.
- LOBATO, J. B. M. *Emília no país da gramática*. São Paulo: Brasiliense. 39 ed. 1994.
- LOBATO, J. B. M. *D. Quixote das crianças*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968. Obras completas, 2ª série, volume 9.
- LOBATO, J. B. M. *Peter Pan*. Obras completas, 2ª série, volume 5. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura – “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. Niterói: EdUFF, 1999.
- OTTONI, P. R. Tradução e desconstrução: a contaminação constitutiva e necessária das línguas. 2000. Versão apresentada na comunicação no *Congreso Internacional – Últimas Corrientes Teóricas em los Estudios da Traducción y sus Aplicaciones*, realizado na Universidade de Salamanca, na Espanha, entre 16 e 18 de novembro de 2000.
- _____. *Tradução Manifesta: double bind & acontecimento, seguido de Fidelidade a mais de um: merecer herdar onde a genealogia falta*, de Jacques Derrida/Paulo Ottoni. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: EDUSP, 2005.
- _____. *Tradução: a prática da diferença*. Editora da UNICAMP, FAPESP. Campinas, SP. 1998.
- SAAVEDRA, M. C. *Don Quijote de la Mancha*. Real Academia Espanhola, 2004.